

O LADO OBSCURO DE AQUÁRIO: CAPITALISMO PÓS-INDUSTRIAL E A DUPLA RAPINAGEM

Afrânio Duarte Barbosa Santiago¹

RESUMO: Na passagem do século XX para o século XXI, as novas tecnologias de informação e um ambiente de trabalho controlado por computadores substituíram o antigo modelo fabril pelo modelo empresarial. Neste contexto de metamorfose do capitalismo, com a ideologia neoliberal na proa das mudanças, multiplicaram-se as capacidades de extração de mais-valor. Tanto o tempo quanto o cotidiano dos trabalhadores foram completamente colonizados pelas exigências do capital. Já não há mais limites, em uma sociedade continuamente iluminada pela conectividade e incessantes demandas de trabalho ininterrupto, limites para o tempo de trabalho não pago. Jonathan Crary e Shoshana Zuboff estudam, respectivamente, o tempo de trabalho incessante (24/7) e o meio pelo qual as novas empresas estabelecem, com o mínimo de recursos humanos, o máximo de lucratividade (*Big Data*).

Palavras-chave: Neoliberalismo; Tecnologia; Mais-Valor; Temporalidade; Cotidianidade.

THE DARK SIDE OF AQUARIUS: POST-INDUSTRIAL CAPITALISM AND THE DOUBLE PILLAGE

ABSTRACT: Somewhere between the XX and the XXI centuries, the new information Technologies and a work environment controlled by computers overplaced the old fabric model by the new company model. Inside this capitalism's metamorphosis, with its neoliberal ideology leading the changes, the system increased its capacities to extract surplus-value. Worker's time as much as daily routine has been completely colonized by capital's requirements. There are no more limits for non-paid work inside a society constantly shined through connectivity and its incessant demands for constant and permanent work. Jonathan Crary and Shosana Zubbof analyze the incessant time of work (24/7) and how the new big companies create with the lowest human's paid work possible the *maximun* of profit (Big Data) respectively.

Key words: Neoliberalism; Technology; Surplus-Value; Temporality; Daily Life.

*The dark side of Aquarius
Has robbed us of our souls and minds
Here come the riders
As the wheel of Dharma's running out of time
Bruce Dickinson*

Inúmeros estudiosos vêm estudando as transformações ocorridas nos últimos cinquenta anos no modo capitalista de produção. Período marcado pela progressiva e massacrante

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: afranio.sntg@gmail.com

ascensão do neoliberalismo, os últimos cinquenta anos trouxeram mudanças profundas que afetaram a vida humana em muitos aspectos. Deleuze já apontava para a decadência dos dispositivos disciplinares típicos do capitalismo industrial, analisados também por Foucault. Antes necessários para a lucratividade, hoje tornaram-se obsoletos, uma vez que a administração da vida opera de forma continuada e cada dia mais e mais invasiva. As tessituras se apagam e instaura-se um regime de trabalho e de controle marcados pela *continuidade*.

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal (DELEUZE,1992).

Raul Seixas dizia preferir “uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo” (1973). Mas a verdadeira “metamorfose ambulante” parece ser o modo capitalista de produção. E nessa metamorfose da era industrial para a era pós-industrial, duas formas de rapinagem, ao menos inicialmente, parecem se destacar com mais clareza.

Rapinagem parece ser um termo excessivo, demasiado pesado e com uma conotação criminosa. Evidentemente, rapinagem aqui não traduz nenhum sentido moral e ou jurídico. Procura apenas aproximar-se daquilo que mais toca ao trato filosófico das coisas, isto é, tornar visível aquilo que, de tão gritante e costumeiro, passa comumente despercebido pelo senso comum. O “roubo” aqui referido não tem ladrão de pijama listrado nem a rapinagem tem seu pirata de perna de pau. O termo não traduz, de modo algum, uma *intencionalidade*, uma espécie de “gênio maligno” que estaria manipulando a humanidade sob seu inteiro controle. Tampouco quer dizer um juízo de valor no sentido da condenação do lucro. A dupla rapinagem é dupla apropriação de *tempo* e do *cotidiano*. Ela apenas evidencia a atual ausência de limites do capitalismo pós-industrial para transformar todo espaço e toda vivência humana em algo útil para o capital, algo de que se possa extrair valor.

Esses novos metais valiosos estão intrinsecamente ligados à vida e se interpenetram. No capitalismo industrial, a extração de mais-valor ocorria dentro de certos limites espaço-temporais mais bem demarcados. Nesse sentido, o espaço da fábrica é paradigmático. Entretanto, agora essas antigas demarcações e limites vêm perdendo sua eficácia e razão de ser em um mundo em que todo local é virtualmente e potencialmente *também* um local de trabalho. Nas por acaso, grandes redes de *coffee shops* (tais como a norte-americana *Starbucks*) popularizaram-se concomitantemente com a progressiva massificação do uso de computadores pessoais e sua rede mundial, a *internet*.

Marx, sempre sensível às deformidades das relações sociais ocultadas pelo brilho do verniz civilizatório, já mostrara que, em essência, o capitalismo é um modo de produção de bens e serviços que exerce a exploração por meio da quantidade de tempo de trabalho requerida dentro de determinada relação de produção.

Já sabemos, no entanto, que o processo de trabalho pode durar além do tempo necessário para reproduzir e incorporar no objeto de trabalho um mero equivalente do valor da força de trabalho. Em vez de 6 horas que aqui seriam suficientes para essa reprodução, o processo dura, digamos, 12 horas. Assim, por meio da ação da força de trabalho, não apenas seu próprio valor se reproduz, mas também se produz um valor excedente. Esse mais-valor constitui o excedente do valor do produto sobre o valor dos elementos formadores do produto, isto é, dos meios de produção e da força de trabalho (*O Capital*, v. 1, cap. 6).

Nas sociedades industriais, o excedente de valor apropriado pelo capitalista era produzido pelo trabalho humano durante as jornadas fixas. Ao comprar no mercado esta força de trabalho por seu valor de troca, isto é, o tempo de trabalho humano necessário para produzi-la (habitação, alimentação etc.), no decorrer de uma jornada fixa, utilizava seu valor de uso, que, no caso especial da força de trabalho, não tem, por natureza, limites, exceto a exaustão típica das formas de inteligência vivas. Neste contexto industrial, os dispositivos disciplinares eram necessários para controlar a força de trabalho e tornar possível o cumprimento deste “contrato”, não estabelecido de maneira inteiramente livre entre as partes, e que no fim das contas extraía diariamente algumas horas da vida do trabalhador como trabalho não pago.

Entretanto, no capitalismo pós-industrial, passa a vigorar o modelo empresa muito semelhante ao modelo de sociedade de controle analisado por Deleuze. A miríade de interfaces “amigáveis” de plataformas e softwares utilizadas hoje em dia, tanto por especialistas quanto por simples usuários leigos, nas quais abundam cores, *emojis* redondos e pretensamente expressivos e afetivos, parecem querer nos dizer que podemos trabalhar, nos informar, nos distrair e nos relacionar “nos estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação” (DELEUZE, 1992). Todas estas interfaces são, ao mesmo tempo, sintoma e causa da nova economia.

A essencial *continuidade* do trabalho (lembremo-nos de que o velho Windows, quando popularizado, era vangloriado por ser um sistema operacional “multitarefa”), agora tornada possível por meio das novas tecnologias de informação, passa a dispensar a antiga disciplina da massa trabalhadora por meio de dispositivos, lugares específicos e espaços bem definidos. As fábricas cercadas por muros altos e encimados por arame farpado se desmancham em *home offices* e se espalham por *coffee shops*. *A força de trabalho agora encontra-se disponível para o trabalho vinte e quatro horas por dia.*

Esta violenta mudança de paradigma, paulatinamente, termina por recobrir as comissuras e apagar os recortes da vida humana, seus intervalos ritmados e suas alterações naturais de estado, tal como dia e noite, sono e vigília, ou mesmo trabalho e lazer. A reta geométrica hoje melhor representa o estado do trabalho do que o relógio. Evidentemente, por extenuante que fosse o ritmo da fábrica, ainda preservava a esfera privada da vida. Na verdade, se dono do trabalhador ao longo da jornada, o patrão pouco acesso tinha à sua vida e aos seus comportamentos e hábitos a partir do momento em que a campainha ou o apito assinalavam o fim da jornada. Sinal a um só tempo do fim do trabalho e do início do alívio, cosendo ao conjunto da vida uma nova linha, doméstica, dentro da qual, muitas vezes, o afeto em família era capaz de restaurar as forças para que, no dia seguinte, o ciclo recomeçasse. Em meados do século XX, ainda era possível a Lennon e McCartney encantarem multidões cantando versos tão simples quanto “When I get home to you/ I find the things that you do and it makes me feel all right” (Lennon J. /MacCartney P, 1964). O encanto era propiciado pela identificação do trabalhador comum que, ao fim do expediente, retornava à casa onde uma vida mais acolhedora e afetuosa o esperava após a longa jornada junto às máquinas e sua exaustão característica. Entretanto, hoje tanto estes espaços e estes refúgios foram invadidos pela expansão neoliberal do modelo empresa, que não precisa mais de lugares, espaços e dispositivos de confinamento para manter o funcionário disponível para o trabalho de forma praticamente ininterrupta.

Em *Ser e tempo*, Heidegger descreve o homem como *ser-no-mundo*: “estas determinações do ser da pre-sença, todavia, devem agora ser vistas e compreendidas *a priori*, com base na constituição ontológica que designamos de *ser-no-mundo*. O ponto de partida da analítica da pre-sença consiste em se interpretar esta constituição” (ST, §12). Este modo de estar no mundo é marcado pela cotidianidade. Heidegger empreende uma analítica existencial, dentro da qual a cotidianidade cumpre um papel de obscurecer a constituição fundamental da existência humana, que rara e repentinamente (re)surge quando alguém se vê afetado ou tomado pela angústia. Não estamos interessados aqui nestas investigações mais aprofundadas de *Ser e tempo*, mas tão somente na ideia de uma cotidianidade que *vigora a maior parte do tempo*. Na cotidianidade, os entes e os outros vêm ao encontro no distanciamento (*ent-fernung*). (Cf. ST, §23). E o distanciamento, por seu turno, cumpre uma superação da distância. Em outras palavras, o homem experimentava o espaço de um modo atravessado pelo tempo, uma vez que este “vir ao encontro” pode ser tanto o modo imediato da lida prática como um processo lento de aproximação. Ora, o capitalismo pós-industrial precisa estender seus meios de controle para a utilização das tarefas mais cotidianas, passando tudo pelo funil da praticidade sempre renovada pelas inovações das tecnologias de informação.

Shoshana Zuboff e Jonathan Crary são dois dentre os estudiosos que apontam para aspectos cruciais do capitalismo pós-industrial e que nos permitem avançar no entendimento desta dupla rapinagem; a primeira descrevendo este controle do cotidiano, e o segundo o controle total do tempo. Para Crary (2016, p. 13), o capitalismo contemporâneo funciona em um regime de tempo 24/7 (vinte e quatro horas sete dias por semana) Este regime, na realidade, é um eterno presente, iluminado diuturnamente, e o que restou do homem, sob a sua vigência, é apenas uma constante demanda por estímulos e respostas. Nada restou das antigas dicotomias trabalho/lazer, público/privado ou até mesmo produção/consumo. Evidentemente, o capitalismo industrial dos séculos XIX e XX já prenunciava mudanças sociais neste sentido. Seus postes de iluminação elétrica e seus galpões iluminados por holofotes já proporcionavam a superação de obstáculos naturais à continuidade do trabalho. Entretanto, ainda havia lugar para os ritmos humanos, mesmo que já violados pelas demandas do capital. No 24/7, não há lugar para o caráter rítmico das atividades humanas; como forma de desumanização, *ele é o lugar histórico em que todo lugar é virtualmente um lugar de trabalho.*

Mercados atuando em regime de 24/7 – 24 horas por sete dias na semana – e infraestrutura global para o trabalho e o consumo contínuos existem há algum tempo, mas agora é o homem que está sendo usado para o perfeito funcionamento da engrenagem (CRARY, 2016, p. 13)

Vale, aqui, cotejar duas assertivas de dois autores tão diferentes quanto Heidegger e Crary, separadas também por 87 anos no tempo:

Todos os modos de aumentar a velocidade que nós, hoje, de forma mais ou menos forçada, exercemos impõem a superação da distância. Assim, por exemplo, com a “radiodifusão”, o dasein cumpre hoje o dis-tanciamento do “mundo”, através de uma ampliação e destruição do mundo circundante cotidiano, cujo sentido para o dasein ainda não pode ser totalmente aquilatado (ST, §23)

Hoje, mais do que pensar sobre o funcionamento e os efeitos particulares de novas máquinas ou redes específicas, importa avaliar como a experiência e a percepção estão sendo reconfiguradas pelos ritmos, velocidades e formas de consumo acelerado (CRARY, 2016, p. 48)

A “destruição do mundo circundante” (ST, §23) implica “avaliar como a experiência e a percepção estão sendo reconfiguradas” (CRARY, 2016, p. 48). Ela é a alteração da percepção e da experiência de mundo. Em nossos vertiginosos e fúnebres dias, os dias 24/7 de Crary, todos idênticos uns aos outros, já dispomos de evidências suficientes para melhor aquilatar aquilo que Heidegger não pudera fazer no início do século XX.

Crary investiga o avanço do capitalismo pós-industrial (que, para o autor, é mais exatamente *hiperindustrial*) sobre todos os intervalos de tempo anteriormente dedicados a atividades não diretamente conversíveis em mercadoria, isto é, os intervalos de repouso e regeneração, os ciclos diurnos e noturnos, o humano demasiado humano *sono*. No regime 24/7, o tempo dedicado ao repouso, ao sono ou ao ócio contemplativo deixou de ser interessante para a lucratividade. E isso porque o capitalismo pós-industrial requer a extração de informações dos indivíduos o tempo todo. Com funcionamento em rede², sem dispositivos de confinamento ou espaços para o sono e o adormecer, o inconsciente só o interessa na medida em que pode revelar as tendências dos desejos, os possíveis futuros ‘sonhos de consumo’. É até mesmo capaz de inventar patologias para vender a panaceia (até o aparecimento da próxima síndrome):

As tessituras maleáveis dos afetos e emoções humanos, que são apenas sugeridas imprecisamente por noções de timidez, ansiedade, desejo sexual instável, distração ou tristeza, foram indevidamente convertidas em distúrbios e colocadas na mira de remédios extremamente lucrativos (CRARY, 2016, p. 64).

O capitalismo pós-industrial precisa desses dados para modificar seus serviços e potencializar a lucratividade por meio da antecipação dos desejos na propaganda ultrapersonalizada. Novo tipo de publicidade, tornado possível exatamente pela extração contínua de dados dos usuários da internet pelas grandes empresas de tecnologia que fizeram a opção pela publicidade com principal fonte de receita. Para o autor, tudo aquilo que outrora indicava uma temporalidade humana, suas fissuras, demarcações, durações mais ou menos longas, agora impede que essa expropriação tenha lugar. Além disso, a progressiva mecanização de quase toda forma de ocupação também tornou esse tempo de regeneração do trabalho humano caro demais. Hoje, toda empresa ou instituição que adota o modelo empresa têm inúmeros dispositivos de “autoatendimento”, e, cada vez mais, um número reduzido de pessoal adequadamente treinado para dar uma resposta humana (e, portanto, coerente) para todo aquele que precisa de seus serviços.

Evidentemente, tal regime 24/7 só se tornou possível a partir da implantação de uma infraestrutura global computadorizada. Através dessa rede de dispositivos, é possível exercer a vigilância necessária para o funcionamento de um tal sistema ininterrupto e sem interregnos. Tudo aquilo que constituía e estava no mundo circundante é finalmente destruído, tal como antevira Heidegger já a partir da experiência do rádio no início do século XX. Conforme

² Cf. CASTELLS, M. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

observou Crary (CRARY, 2016, p. 62), “graças às possibilidades ilimitadas de filtragem e personalização, indivíduos fisicamente próximos podem habitar universos incomensuráveis e sem comunicação”. Ou ainda: “Graças à infinidade de conteúdo acessível 24/7, sempre haverá on-line algo mais informativo, surpreendente, engraçado, divertido, impressionante do que qualquer outra coisa nas circunstâncias reais imediatas” (CRARY, 2016, p. 68). O solo propício para o aparecimento da cultura do cancelamento. Existe, aqui, uma operação de eliminação do mundo compartilhado, no qual os outros estão por perto e onde é possível exercer o cuidado de si e dos outros. Afinal, perguntaria o indivíduo submetido a esse novo regime, “por que preciso de meu cônjuge e todo seu cabedal de lamúrias reais se tenho à disposição *on-line* uma infinidade de avatares mais ‘surpreendentes’, engraçados, divertidos’, sem, contudo, prosseguir, justamente porque irrealis, no sentido de que não estão, ao menos no aparecer da internet, sujeitas a toda sorte de fragilidades e vulnerabilidades da condição humana efetivamente real?”.

Freud explicava os acometimentos psicóticos por meio da regressão da libido. Nestes estados de adoecimento mental, a energia dos instintos sexuais (libido) se direciona para representações egóicas, fixa-se no Eu. A libido objetal é retirada dos objetos e retorna ao Eu, produzindo um estado de enamoramento por si mesmo, chamado por ele de narcisismo. Porém, o que ocorre aqui, neste regime instaurado pelo capitalismo pós-industrial, não é sequer uma conduta narcísica, uma vez que não existe mais estados estáveis nem mesmo para a libido ou para o cuidado e amor de si mesmo. O narcisismo pressupõe a existência de um sujeito, capaz de oferecer-se como objeto de amor.³ E o sujeito, por seu turno, ainda que clivado pelas descobertas psicanalíticas de processos psíquicos inconscientes, pressupõe certo grau de estabilidade. Na realidade, esse isolamento radical produz mais facilmente um regime sexual autoerótico, cuja explosão se expressa na miríade de subjetividades típicas da sensibilidade contemporânea, um produto do capitalismo pós-industrial. Em síntese, no primeiro momento da *dupla rapinagem*, o tempo humano é inteiramente colonizado pela mercantilização da vida.

Mas esta colonização total do tempo implica também o domínio sobre o cotidiano. Shoshana Zuboff estuda o modelo de negócios da Google, empresa paradigmática do capitalismo pós-industrial. A Google não cobra por alguns de seus serviços. Entretanto, com pouco mais de 48 mil funcionários em 2014 (Cf. ZUBOFF, 2015), obtém receitas multibilionárias por meio de propaganda direcionada, ou “personalizada”, para usar um termo mais afim ao tecnófilos. Cerca de cem anos antes, em 1925, somente uma unidade fabril da

³ Cf. MEZAN (2019).

Ford empregava 55 mil funcionários (FREEMAN, 2019). Diante desse quadro, não é difícil desconfiar de que a capacidade de mutação da “metamorfose ambulante” é tão imensa que quase nunca estamos preparados para entendê-la em toda sua dimensão.

Diferentemente da Ford, a Google não depende da população como fornecedora de força de trabalho. Embora o fordismo tenha trabalhado o tempo todo com reserva de mão-de-obra e jornadas exaustivas, também implantou um modelo em que havia interdependência entre a população e a empresa, na medida em que a primeira era também fonte de força de trabalho e clientela para a segunda. Em 1914, o “dia de cinco dólares” marca o começo da sociedade de consumo em massa. O modelo de automóvel Ford T, principal produto da Ford então, passa a ser um bem que o próprio trabalhador podia comprar. Linha de montagem, métodos de produção rigorosos e eficazes, valorização salarial; todos estes fatores forneceram o cenário favorável para o aparecimento do consumo em massa.

O aumento salarial estabeleceu um precedente para a produção em massa, especialmente na fabricação de automóveis, que se tornou um sistema de alta remuneração. Seus defensores elogiaram os pagamentos elevados porque permitiam que os trabalhadores comprassem os tipos de bens que eles fabricavam, criando o poder de compra necessário para manter a produção em massa (FREEMAN, 2019).

Zuboff vai na mesma direção quando afirma que “a Google e o projeto de *big data* representam uma ruptura com esse passado. Suas populações não são mais necessárias como fontes de clientes ou funcionários. Os anunciantes são seus clientes (ZUBOFF, 2015, p. 37). A Google não depende diretamente do poder de compra dos usuários de seus serviços⁴. Eles não são seus clientes. Seus clientes são os anunciantes quase onipresentes no ambiente da internet. Os usuários dos serviços da Google e a população como um todo são fontes de *dados*. Um processo de datificação que gera previsibilidade que, por sua vez, produz uma inédita capacidade de publicidade altamente acurada que, por fim, prediz desejos e conforma novas subjetividades.

Mas, à medida que as pressões para o lucro avançavam, os líderes da Google se preocupavam com os efeitos que o modelo de serviços pagos poderia ter no crescimento do número de usuários. Eles então optaram por um modelo de propaganda. A nova abordagem dependia da aquisição de dados de usuários como matéria-prima para análise e produção de algoritmos que poderiam vender e segmentar a publicidade por meio de um modelo de leilão exclusivo, com precisão e sucesso cada vez maiores (ZUBOFF, 2015, p.32)

⁴ Muito embora talvez venha a depender no longo prazo, uma vez que ao menos parte de seus anunciantes dependem.

Quando a interdependência entre população e fábrica cede lugar à indiferença formal entre população e empresa no capitalismo pós-industrial, todo um sistema de vigilância e alteração do cotidiano e do comportamento é colocado em pleno funcionamento. Nas suas atividades cotidianas, as populações *trabalham* para as grandes empresas de tecnologia na forma de fonte contínua de dados em escala gigantesca; o *big data*. Oferecem suas vidas para a extração de dados sobre seus comportamentos, de modo que estes possam ser mercantilizados, previstos e até alterados.

O segundo momento da dupla rapinagem é o roubo de nossos afazeres mais íntimos, mínimos e cotidianos. O próprio cotidiano se torna mina, da qual são extraídos dados que informam perfis psicológicos, desejos, anseios. A análise de toda essa informação é então capaz de criar pseudonecessidades, desinformar em proveito de grupos políticos, geralmente de extrema direita, disseminar o medo de toda alteridade, criar novas subjetividades e ideologias, geralmente associadas a uma positividade e prosperidade completamente deslocadas da realidade de boa parte da população. O cotidiano exaustivo da contemporaneidade, eivado de ansiedade e doenças antigas e “inventadas”, é a mina de onde o capitalista pós-industrial extrai seu novo metal precioso: nossas subjetividades e mentes, temporalidades e mundo cotidiano.

Em suma, o que aqui designamos de *dupla rapinagem*, não é, de modo algum, uma invenção inteiramente nova. Tem mais o caráter de *expansão* do que de novidade. Uma espécie de expansão espaço-temporal que progressivamente absorve todas as esferas da vida. *Rapinagem* porque o tempo de trabalho ainda é sacrificado no altar do capital, isto é, parte de seu gigantesco esforço continua sendo destinado à criação de mais-valor. *Dupla* porque também os menores gestos do cotidiano foram transformados em temporalidades utilizáveis pelo capital. Ao fim e ao cabo, hoje se tornou possível transformar uma cada vez maior porção do *tempo da vida* em algo economicamente útil.

Mas (e sempre) há de ser possível fazer alguma coisa para que não seja assim. Afinal, não está escrito nas estrelas que *deva* ser assim. Estratégias individuais e coletivas de resistência e rejeição podem estar à espreita no horizonte das próximas décadas.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
CRARY, J. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
DELEUZE, G. *Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*. In: ____ *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
FREEMAN, J. B. *Mastodontes*. São Paulo: Todavia, 2019.

FREUD, S. *Introdução ao narcisismo*. In: ___ **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEZAN, R. **O Tronco e os ramos**. São Paulo: Blucher, 2019.

ZUBBOF, S. *Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação*.

In: CARDOSO, B. BRUNO, F. (org.) **Tecnopolíticas da vigilância**. São Paulo: Boitempo, 2015.